

Último Domingo depois da Epifania

1ª leitura (Antigo Testamento) - 1 Reis 19. 9-18

Este texto faz parte do ciclo de Elias e Eliseu que se encontra dentro dos livros do Reis conforme já foi comentado no 5º Domingo da Epifania. Estes profetas reagem ao abuso de poder promovido pelo rei Acab de Israel (norte) e sua esposa Jezabel. O capítulo 19 começa denunciando a chacina de profetas populares por parte dos monarcas e as ameaças de morte dirigidas a Elias (1 Rs 19:1-2). Uma tática comum entre opressores até os dias de hoje.

O texto deste domingo começa quando Elias se refugia numa caverna para salvar a vida dos seus algozes e ali se inicia um diálogo com Deus (1 Rs 19:9-10 e 14). O diálogo começa descrevendo a situação de assassinato e morte ao qual são submetidos Elias e outros profetas do povo. É importante atentar para o contexto de perseguição e morte neste diálogo, pois ele é repetido para lhe dar ênfase!. A perseguição coloca Elias em inferioridade de possibilidades diante dos assassinos e perseguidores que além de serem mais fortes ocupam todos os cargos de autoridade. A quem apelar? No entanto é Deus que toma a iniciativa e vai ao encontro do profeta.

Deus coloca Elias ao ar livre apresentando vários sinais: um vento muito forte como um tornado ou furacão; um terremoto; fogo e finalmente um vento suave (1 Rs 19:11-13). É neste vento suave que se manifesta Deus. No entanto isso não parece ser um discurso pacifista já que Deus promoverá a vingança através do rei da Síria Hazael (que invadirá Israel), do líder tribal Jeú (que será ungido por Eliseu) e do próprio Eliseu (1 Rs 19:16-17). O vento suave para assinalar para a "paciência histórica". Seria também este o sentido da transfiguração de Jesus (Mc 9:2-9)? O sinal do vento suave parece querer evitar o desespero do profeta perseguido e afetado pela morte dos seus irmãos. Deus, que assume o controle da situação, pede para esperar o momento oportuno pois, como diríamos hoje, nenhum opressor pode se sustentar para sempre. Deus também aponta que Eliseu (isolado pela perseguição) não está só, mas há muitas pessoas que ainda seguem fieis ao Deus Libertador! (1 Rs 19:18).

A ação profética de Elias e Eliseu passa pelo engajamento efetivo na luta pela transformação política da realidade dentro dos meios da sua época (matando os opressores), hoje superados pelo exercício da democracia e da cidadania em todas as suas formas. Ser profetas falando "de parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo" (2 Pe 1:21), visto através da ação de Elias e Eliseu, passa também pelo engajamento e entendimento da conjuntura política (partidária ou não). (HMG)

2ª leitura (Epístola) - 2 Pedro 1.16-19 (20-21)

Primeiro, sobre a 2ª Carta de Pedro. Na antigüidade, havia costume literário de alguém escrever uma mensagem que achava ser muito importante, recorrendo ao nome de uma figura importante como autor. Tudo indica que isso aconteceu com a II Carta de Pedro. Por que? Primeiro, não há evidência

de que, no primeiro século, a carta em apreço era conhecida. Tanto assim que não há muita segurança de que a carta estivesse listada no Cânon Muratoriano de ano 200. Segundo, as autoridades na matéria entendem que não há semelhança entre a Primeira e a Segunda Carta quanto ao vocabulário, estilo, e na ênfase. Em poucas palavras, a Carta em apreço é um exemplo de interpretação da Palavra a uma dada situação, à luz do intérprete. Quem é o intérprete? Possivelmente alguém associado com a tradição de Pedro. Que é essa situação? O autor se preocupou com desvios no ensino do Evangelho e enfraquecimento da fé. Esse desvio para o autor é o ceticismo com relação ao retorno iminente de Jesus. Foi uma crise para a Igreja do Novo Testamento por não ocorrência do retorno como se aguardava naquela geração. E isso propiciou aos falsos mestres a negar a providência de Deus, o interesse divino pela sua criação, sua companhia e cuidado. Em outras palavras, a humanidade não tem rumo, e sofre, por conseguinte, frouxidão moral. Ao contrário, Deus em Cristo nos concedeu todas condições necessárias para a vida e piedade, isto é, vida de relação respeitosa, amorosa para com Deus. (Ver o comentário da II Pedro 3.8-15, do II Advento).

É nesse contexto que a narrativa da Transfiguração é lembrada como parte importante dando embasamento da exortação. E se observa o início do processo, digamos, da canonização dos profetas e dos escritos paulinos e outros, enfim, das Escrituras. A seleção do texto foi feita em função do Domingo da Transfiguração, que é o último domingo da Epifania, para entrar na Quaresma com a visão do Cristo transfigurado.

(Quanto ao propósito da Carta, ver a introdução na Bíblia na Linguagem de Hoje e na Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, (Ed. Paulinas) e Tradução Ecumênica (TEB). (ST)

Santo Evangelho - Marcos 9, 2-9

Profeta, prefigurado por Moisés (Ex 19) e por Elias (1Rs 19), Jesus sobe ao monte. Provavelmente se tratava do encerramento da Festa das Tendias, por isso se fala de "seis dias depois" e se alude a "fazer tendias" (v2.5). Isso acontece justamente quando se inicia a caminhada em direção a Jerusalém. Jesus se acha isolado da multidão, acompanhado quase só pelo grupo de seus discípulos (Jo 6, 66-71), no qual certamente há também mulheres (Lc 8, 1-3). Perseguido, escondendo-se na clandestinidade, sua situação já estava bastante complicada pela crescente hostilidade dos poderosos do país (Mc 1,45; 3,6; 8, 27-38; Lc 13, 31-33). Nessa situação sobe ao monte para orar.

Se acompanhamos os momentos de oração de Jesus, segundo Marcos, percebemos que se trata de situações nas quais Ele sente necessidade de conferir com Deus os rumos da caminhada ministerial, quando os acontecimentos e as pessoas em redor representam a tentação de desviar-se (Mc 1, 35-39; 6, 46; 9,2. 29; 13, 18-20; 14, 32-42; 15, 34). Ao contemplá-lo em oração, nessa circunstância tão ameaçadora, os discípulos o percebem inteiramente em Deus, sentem-no transfigurado.

O círculo íntimo dos três não é para excluir os demais, mas representam a totalidade do grupo, enquanto constituem a intimidade de Jesus. Como descrever essa inaudita e maravilhosa experiência? Só apelando para os

grandes símbolos da tradição religiosa do povo. A nuvem, no Primeiro Testamento, simboliza a presença divina que desce sobre a terra (Ex 33, 9). É para Ele que se orienta toda a tradição e a esperança da nação: Moisés, o grande fundador, representa a Lei; Elias, o combativo renovador da Aliança, encarna o Profetismo. É para Jesus que tudo converge (Lc 24, 26-27). As vestes brancas simbolizam o mundo divino, pois a cor branca evoca a glória e a luz (no "disco de Newton", o conjunto das cores produz o branco e a cor é luz), como se vê nos escritos apocalípticos (Ap 1, 9-20; 14, 14; 19, 11; 20, 11).

O texto tem claramente uma relação com o do Batismo, no centro está a mesma palavra tirada de Isaías 42, 1: "Eis aí o meu Servo (Filho)". Ambas as cenas são descritas em gênero apocalíptico, como experiência maravilhosa entre o céu e a terra. Pelo Batismo iniciava-se o ministério, a missão de Jesus; na Transfiguração começa a caminhada para enfrentar seu destino trágico, consequência da fidelidade à missão. De agora por diante o que vale, a Palavra que nos dirigirá já não será mais a antiga Lei, nem o antigo Profetismo, mas a Palavra d'Ele: "Escutai-O!" (v7).

"É bom estarmos aqui" (v5)... Mas é preciso descer do monte e encarar face a face a realidade humana de Jesus caminhando para a morte: "Jesus estava sozinho com eles" (v8). Quantas vezes, também nós não gostaríamos de permanecer imersos na experiência mística do "monte"! Mas será sempre necessário voltar ao dia-a-dia da missão, sempre nutridos, porém, por aquela experiência.

Finalmente, só a participação na morte e na experiência da ressurreição torna possível compreender o que significa "transfiguração", tanto de Jesus como nossa. (SAGS)